

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC EDILSON SAMOZA ALVES

**A GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA ENTRE 2004 E 2014:
Um Estudo Comparativo entre o Protagonismo dos Estados Unidos
e da Rússia na Revolução Laranja e na Anexação da Crimeia.**

Rio de Janeiro

2024

CC EDILSON SAMOZA ALVES

**A GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA ENTRE 2004 E 2014:
Um Estudo Comparativo entre o Protagonismo dos Estados Unidos
e da Rússia na Revolução Laranja e na Anexação da Crimeia.**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2024

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, saúde e sabedoria que me permitiram trilhar este caminho, enfrentando cada desafio com confiança e fé.

À minha amada esposa, Gabriela, e minha querida filha, Yasmin, pelo carinho constante, pela compreensão durante os momentos de ausência e por serem a força que me impulsiona a sempre buscar o meu melhor. Vocês são o alicerce da minha vida e a minha maior inspiração.

Aos meus pais, por toda a educação, carinho e pelos valores que me transmitiram, os quais foram fundamentais para que eu pudesse alcançar esta conquista.

Aos meus amigos e colegas de turma, pela camaradagem e pelas contribuições valiosas ao longo deste percurso.

Ao meu orientador CF Moreno, por sua orientação, compreensão e por compartilhar seu conhecimento, contribuindo para o melhor resultado neste trabalho.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada, oferecendo apoio, conselhos e inspiração.

RESUMO

Esta dissertação realiza uma análise comparativa das intervenções dos Estados Unidos e da Rússia na Ucrânia, com foco na Revolução Laranja de 2004 e na anexação da Crimeia em 2014, sob as teorias de Guerra Híbrida e *Gibridnaya Voyna*. O estudo explora as diferenças conceituais entre Guerra Híbrida, desenvolvida no Ocidente, e *Gibridnaya Voyna*, formulada pela Rússia. A Guerra Híbrida, conforme teóricos ocidentais, combina táticas militares convencionais com elementos irregulares e não militares, buscando eficácia em conflitos contemporâneos. A Guerra Híbrida russa, por outro lado, adota uma abordagem mais ampla e indireta, utilizando manipulação ideológica, informativa e cultural para desestabilizar o inimigo sem recorrer a confrontos diretos. Durante a Revolução Laranja, os EUA apoiaram a oposição ucraniana por meio de Organizações Não-Governamentais e diplomacia, enquanto a Rússia utilizou propaganda e suporte a líderes pró-Rússia, empregando táticas de *Gibridnaya Voyna* para manter sua influência. Na anexação da Crimeia, a Rússia exemplificou a *Gibridnaya Voyna* ao manipular narrativas e realizar a anexação sem enfrentamento direto, utilizando campanhas informativas e forças auxiliares. A conclusão destaca que, embora as narrativas sejam distintas, as formas de atuação de ambos os estados apresentam notáveis similaridades. Essas ações, quando contrastadas com a evolução teórica da guerra híbrida, refletem as singularidades políticas e os interesses estratégicos antagônicos. Além disso, a guerra híbrida é um conceito altamente adaptável e cada vez mais politizado, capaz de ser moldado para atender a objetivos estratégicos. A compreensão dessas nuances é fundamental para a formulação de políticas eficazes de defesa e para a preparação contra ameaças híbridas no futuro.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. *Gibridnaya Voyna*. Revolução Laranja. Anexação da Crimeia. Revoluções Coloridas. Guerra de Informação. Doutrina Gerasimov. Conflitos Modernos.

ABSTRACT

Hybrid War in Ukraine between 2004 And 2014: A Comparative Study between the Protagonism of the United States and Russia in the “Orange Revolution” and the Annexation of Crimea.

This dissertation provides a comparative analysis of US and Russian interventions in Ukraine, focusing on the 2004 Orange Revolution and the 2014 annexation of Crimea, under the theories of Hybrid War and Gibrinaya Voyna. The study explores the conceptual differences between Hybrid War, developed in the West, and Gibrinaya Voyna, formulated by Russia. Hybrid War, according to Western theorists, combines conventional military tactics with irregular and non-military elements, seeking effectiveness in contemporary conflicts. Russian Hybrid War, on the other hand, adopts a broader and more indirect approach, using ideological, informational and cultural manipulation to destabilize the enemy without resorting to direct confrontations. During the Orange Revolution, the US supported the Ukrainian opposition through NGOs and diplomacy, while Russia used propaganda and support for pro-Russian leaders, employing Gibrinaya Voyna tactics to maintain its influence. In its annexation of Crimea, Russia exemplified Gibrinaya Voyna by manipulating narratives and carrying out the annexation without direct confrontation, using information campaigns and auxiliary forces. The conclusion highlights that, although the narratives are distinct, the ways in which both states act have notable similarities. These actions, when contrasted with the theoretical evolution of hybrid warfare, reflect the political singularities and antagonistic strategic interests. Furthermore, hybrid warfare is a highly adaptable and increasingly politicized concept, capable of being shaped to meet strategic objectives. Understanding these nuances is essential for formulating effective defense policies and preparing for future hybrid threats.

Keywords: Hybrid War. Gibrinaya Voyna. Orange Revolution. Annexation of Crimea. Color Revolutions. Information Warfare. Gerasimov Doctrine. Modern Conflicts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA	–	Estados Unidos da América
FR	–	Federação Russa
GH	–	Guerra Híbrida
GV	–	<i>Gibridnaya Voyna</i>
ONG	–	Organização Não Governamental
OTAN	–	Organização do Tratado do Atlântico Norte
ONU	–	Organização das Nações Unidas
OSCE	–	<i>Organization for Security and Cooperation in Europe</i>
USAID	–	<i>United States Agency for International Development</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	EVOLUÇÃO CONCEITUAL.....	11
2.1	PRECEDENTES CONCEITUAIS DA GUERRA HÍBRIDA OCIDENTAL.....	11
2.1.1	GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO.....	12
2.1.2	GUERRA IRRESTRITA.....	14
2.1.3	GUERRA COMPOSTA.....	15
2.1.4	GUERRA CENTRADA EM REDE E REVOLUÇÕES COLORIDAS.....	16
2.2	PRECEDENTES CONCEITUAIS DA GUERRA HÍBRIDA RUSSA.....	18
2.2.1	GUERRA DE SUBVERSÃO.....	18
2.2.2	GUERRA CENTRADA EM REDE.....	19
2.2.3	DOCTRINA GERASIMOV.....	20
2.3	GUERRA HÍBRIDA E <i>GIBRIDNAYA VOYNA</i>	22
3	CONTEXTO HISTÓRICO PÓS-GUERRA FRIA NA UCRÂNIA.....	26
3.1	ALTERNÂNCIA POLÍTICA PÓS-GUERRA FRIA.....	26
3.2	REVOLUÇÃO LARANJA.....	27
3.3	UMA UCRÂNIA DIVIDIDA.....	28
3.3	A REVOLUÇÃO DE MAIDAN.....	29
3.4	A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA.....	30
4	ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS ABORDAGENS RUSSAS E OCIDENTAIS DE GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA.....	32
4.1	O PROTAGONISMO AMERICANO NA REVOLUÇÃO LARANJA.....	32
4.2	O PROTAGONISMO RUSSO NO CONFLITO UCRANIANO DE 2014.....	35
4.3	SÍNTESE COMPARATIVA.....	38
5	CONCLUSÃO.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Analisar a relação entre o sistema internacional¹ e a condução da guerra demanda uma abordagem multidisciplinar, comumente explorada nos estudos estratégicos. Dado o caráter dinâmico da guerra, qualquer progresso teórico nessa área deve estar alinhado com as continuidades históricas que se mantiveram ao longo dos séculos.

A combinação de guerra convencional com táticas não tradicionais, como a guerra política ou econômica, não é uma ideia recente. A história nos mostra inúmeros exemplos, como na Revolução Americana (1775 – 1783), com a participação de milícias; e nas invasões napoleônicas, com as forças britânicas regulares em cooperação com guerrilha (Hoffman, 2007). No entanto, os rápidos avanços tecnológicos e a crescente conectividade aumentaram significativamente a intensidade e o alcance dessas táticas nos dias de hoje. No século XXI, atores como os Estados Unidos da América (EUA) e a Federação Russa (FR), nos conflitos da Ucrânia e Síria, demonstram ser um dos principais protagonistas da Guerra Híbrida (GH) ou, no termo russo, *Gibridnaya Voyna* (GV).

O desejo de um Estado de evitar o uso exclusivo da força aberta e convencional reflete uma decisão influenciada pelo apelo de conduzir uma guerra indireta e não convencional². Essa estratégia visa maximizar os ganhos de um conflito sem enfrentar os elevados riscos de ser um combatente declarado em uma guerra convencional, que estaria sujeita ao escrutínio jurídico internacional, além da retaliação direta. (Coker, 2009).

Nesse contexto, faz-se necessário uma breve análise histórica do conceito de GH que precede seu aumento significativo após 2014. A análise dos eventos político-militares que ocorreram após a Guerra Fria foi fundamental para moldar esta teoria contemporânea.

Utilizando uma metodologia de estudo comparativo entre teoria e realidade, fundamentada em pesquisa bibliográfica, o principal objetivo deste trabalho é realizar

¹ Na década de 1950, os eruditos começaram a conceituar a política internacional como um sistema, partindo do pressuposto de que, assim como as pessoas agem de modos regularizados e seguem padrões de interação, a política internacional, analogamente, também pode ser entendida como um sistema cujos atores principais são os Estados individuais (Mingst; Arreguin-Toft, 2014).

² Korybko define como qualquer forma não convencional de guerra, marcadas por táticas de guerrilha, insurreição urbana, sabotagem e terrorismo, além de atores não convencionais como mercenários e forças especiais não vinculadas (diretamente) ao Estado (Korybko, 2018).

um estudo comparativo entre os conceitos de GH e GV, aplicados aos modelos de guerra ocidental e russo, foco na Revolução Laranja e anexação da Crimeia em 2014.

Ao término deste trabalho, a pesquisa buscará responder à seguinte questão: quais são as características contrastantes da GH, em termos de similaridades e singularidades, presentes na atuação da FR e dos EUA durante a Revolução Laranja e a anexação da Crimeia em 2014?

E, por fim, este estudo será dividido em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo a presente introdução. No segundo capítulo, serão apresentadas as conceituações teóricas e abordagem ocidental, com ênfase no desenvolvimento norte-americano do conceito de GH. Neste mesmo prisma, serão apresentadas as conceituações teóricas e *modus operandi*³ sob a perspectiva russa, também denominada GV. No capítulo seguinte será apresentada uma contextualização histórica com foco na situação geopolítica da Ucrânia em 2013, até a anexação da península da Crimeia em 2014, onde serão abordados os fatores que contribuíram para estabelecer as bases que levaram à tomada da Crimeia. No quarto capítulo será realizada uma análise das estratégias americanas e russas adotadas no conflito na Ucrânia, praticadas sob o abrangente espectro de GH. E, em um capítulo final, uma análise conclusiva das singularidades e similaridades de ambas as perspectivas em posições antagônicas.

Sendo assim, prosseguimos aos próximos atos a fim de aprofundarmos os conhecimentos fundamentais para, mais adiante, analisarmos a aderência das bases conceituais aplicados no fato histórico estudado, sob o enfoque ocidental e russo.

³ *modus operandi* é uma expressão em latim que significa "modo de operação". Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

2 EVOLUÇÃO CONCEITUAL

A compreensão das teorias ocidental e russa de GH não emergiu de forma abrupta, mas se desenvolveu de maneira gradual e significativa. As visões ocidentais, impulsionadas inicialmente por Frank Hoffman, e as concepções russas, especialmente articuladas pela "Doutrina Gerasimov", delinearam caminhos distintos, mas complementares, na abordagem dos conflitos modernos. A interação entre as potências ocidentais e a FR, particularmente nas esferas de influência geopolítica e militar, moldou essas teorias de maneiras únicas. Neste capítulo, serão exploradas as raízes históricas e os desenvolvimentos estratégicos que fundamentaram a evolução das teorias de GH no Ocidente e na FR, destacando as dinâmicas e os eventos que influenciaram a formulação e a aplicação dessas estratégias.

2.1 PRECEDENTES CONCEITUAIS DA GUERRA HÍBRIDA OCIDENTAL

Na literatura ocidental, o conceito de GH é frequentemente vinculado ao teórico militar norte-americano Frank Hoffman. Desde meados dos anos 2000, Hoffman procurou preencher uma lacuna na caracterização linear da guerra (regular ou irregular) no contexto do ambiente operacional do século XXI. Baseando-se na experiência de 2006, das Forças de Defesa de Israel com o Hezbollah no Líbano, Hoffman apresentou o raciocínio de que a falta de definição nos modos de guerra, nos combatentes e nas tecnologias empregadas gera uma ampla variedade e complexidade, o que ele cunhou como conceito de GH (Hoffman, 2007).

Hofmann estruturou a evolução do conceito de GH ao incorporar contribuições de diferentes escolas de pensamento e interpretação da guerra. Essas contribuições não devem ser interpretadas como fases distintas dos conflitos, mas sim como ideias e abordagens que ajudaram a formar um conceito mais abrangente e contemporâneo.

Destacamos a necessidade de enriquecer este estudo com uma variedade de conceitos preliminares que influenciaram o termo GH. Esses conceitos incluem desde a introdução da guerra irrestrita até conceitos posteriores como guerra de quarta geração, guerra composta, guerra centrada em rede e revoluções coloridas.

2.1.1 GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO

Iniciamos a análise conceitual da GH com a contribuição do autor americano William S. Lind, em que buscou delinear os marcos da evolução da guerra na era moderna, classificando-a em quatro gerações, com foco especial na denominada guerra de quarta geração (Lind et al., 1989).

A 1ª geração da guerra moderna começou com a Paz de Westfália⁴ e culminou nas Guerras Napoleônicas. Essa fase foi marcada pelo uso predominante do "princípio da massa" e pela formação de linhas e colunas, onde as linhas maximizavam o poder de fogo. Exercícios rigorosos eram essenciais, pois os confrontos ocorriam entre Estados soberanos (Pinheiro, 2007).

A 2ª geração foi caracterizada por táticas que combinavam intenso uso de fogo e movimento, culminando na Primeira Guerra Mundial. A tecnologia, especialmente em áreas como artilharia pesada e aviões de bombardeio, foi o principal motor dessa mudança, embora as ideias também tenham desempenhado um papel primordial (Lind et al., 1989).

A 3ª Geração priorizou a manobra sobre o atrito, como exemplificado pela *blitzkrieg*⁵, estratégia desenvolvida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Em vez de buscar “cercar e destruir”, a abordagem se baseava em “contornar e colapsar” o inimigo. Essa mudança trouxe táticas não lineares, com foco estratégico e tático direcionado tanto ao inimigo quanto à análise contínua da situação. O conceito centralizou-se na velocidade de ação, no elemento surpresa e na coordenação de forças mecanizadas e aéreas para romper as linhas de defesa adversárias (Lind et al., 1989).

Ao analisarmos a evolução das 1ª, 2ª e 3ª gerações, percebemos que os estados nacionais permaneceram predominantemente como os principais atores. Identificamos dois grandes divisores de águas nas mudanças geracionais anteriores: a tecnologia e as ideias. As decisivas batalhas da era napoleônica, assim como as

⁴ Acordos assinados entre países da Europa que pôs fim a Guerra dos Trinta Anos. Assinalaram o fim do domínio da autoridade religiosa na Europa e o surgimento das autoridades seculares, além de assegurar a noção da integridade territorial dos Estados-membros soberanos e juridicamente iguais do sistema internacional (Mingst; Arreguín-Toft, 2014).

⁵ Também conhecida como Guerra Relâmpago, foi uma tática usada pelo exército alemão, na II GM, onde se empregava forças com grande mobilidade e poder de fogo (normalmente associava os blindados com a aviação). Com propósito de surpreender o adversário.

brilhantes manobras das campanhas do século XX, tornam-se irrelevantes no contexto da concepção de Guerra de 4ª Geração.

A 4ª Geração emerge de uma evolução que visa tirar proveito das transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas desde a Segunda Guerra Mundial. Junto aos estados nacionais, novos protagonistas aparecem, incluindo organizações armadas não estatais e forças irregulares de diferentes tipos, em ambientes operacionais extremamente fluídos, com a presença de coalizões, alianças e parcerias das mais variadas matizes (Pinheiro, 2007).

O campo de batalha se expande para abranger toda a sociedade, considerando-a também como uma entidade cultural. Essa abordagem vai além da esfera militar, com o objetivo de desestabilizar o inimigo internamente, em vez de destruí-lo fisicamente.

As operações psicológicas podem assumir o papel de principal arma operacional e estratégica, por meio de intervenções informativas e midiáticas. Esses elementos tornam-se ainda mais relevantes à medida que o avanço tecnológico aumenta a velocidade da transmissão de informações (Pinheiro, 2007). Nesse contexto, a manipulação dos meios de comunicação social torna-se um instrumento fundamental, capaz de modificar a opinião pública e até impedir o engajamento efetivo das forças combatentes. A 4ª geração também se manifesta através do terrorismo, que visa colapsar o adversário de dentro para fora, já que tem pouca capacidade de causar grandes destruições diretamente.

A principal contribuição para o desenvolvimento do conceito de GH, além da construção dialética dos ambientes operacionais, está no reconhecimento de que as Guerras de 4ª Geração possuem uma natureza indefinida (Hoffman, 2007). Em outras palavras, torna-se impreciso identificar os atores envolvidos, suas armas e métodos.

Hoffman também declara que:

A ênfase em impactar a coesão ou vontade política de alguém era um aspecto fundamental do cânone de Clausewitz, mas a ideia de conseguir isto indiretamente, em vez de através das forças militares do adversário, tem mérito, tal como o carácter cada vez mais confuso do conflito. (Hoffman, 2007, p. 20, tradução nossa)⁶.

⁶ No original: “*The emphasis on impacting one’s political cohesion or will was a fundamental aspect of Clausewitz’s canon, but the idea of achieving this indirectly rather than via the fielded military forces of the opponent has merit, as does the increasingly blurring character of conflict*”.

Essa visão fluida e prospectiva de uma guerra não convencional nos revela importantes mudanças e perspectivas do mundo atual diversificado, que entram em conflito com a instituição de um Estado Nacional soberano, diante dos diversos atores emergentes. Em um contexto de grandes transformações, percebemos assim, um grande desafio para os planejadores e decisores.

2.1.2 GUERRA IRRESTRITA

O termo guerra irrestrita apareceu pela primeira vez em um artigo acadêmico escrito por dois coronéis chineses, Qiao Liang e Wang Xiangsui. Na verdade, uma interpretação menos divergente seria "guerra além das fronteiras" ou, em uma tradução mais precisa, "guerra que transcende fronteiras" (Fridman, 2018). Tais fronteiras se referem ao domínio da ação militar. Para os autores estrategistas, os conflitos atuais teriam outros cenários, para além do militar, por exemplo a diplomacia, a economia e a religião (Hoffman, 2007).

O princípio fundamental da guerra irrestrita reside na importância de combinar diferentes elementos para alcançar a vitória sobre o adversário. Ao analisar diversos exemplos, tanto da história militar chinesa quanto da ocidental, os autores concluíram que aquele que consegue efetuar a melhor combinação de meios, domínios e métodos sai vitorioso. Atualmente, essa combinação é especialmente influenciada pela evolução tecnológica e pela globalização (Fridman, 2018).

Este aspecto da combinação de fatores pode ser percebido desde Sun Tzu, na sua obra "A Arte da Guerra":

“numa situação de batalha, não existem mais do que dois métodos de ataque: o direto e o indireto; contudo, quando combinados, estes dois métodos dão origem a uma série infinita de manobras” (Sun Tzu, 2021, p. 58).

Estes tipos de ataque podem constituir-se, por exemplo, de guerra informacional, desestabilização do sistema bancário, subversão do mercado financeiro, manipulação da moeda, terrorismo, desinformação, entre outros (Wither, 2016).

Nesse diapasão, ao desenvolver uma estrutura conceitual, os autores estabeleceram oito princípios das guerras futuras que seriam mais preponderantes (Liang & Xiangsui, 1999, p. 206). Segundo o pensamento de Hoffman, dentre os oito

princípios, podemos destacar três que contribuíram para a construção do seu entendimento de GH: omnidirecionalidade, sincronia e assimetria (Hoffman, 2007).

A omnidirecionalidade aponta que os tomadores de decisão ou os comandantes devem estar atentos à totalidade da realidade do conflito e observar os potenciais campos de batalha. Quanto à sincronia, eles postulam sobre a ação coordenada, capaz de unificar os campos de batalha em um plano maior, de maneira sincronizada e sinérgica, para alcançar os resultados desejados. No caso da assimetria, trata-se de equilibrar os pontos fortes e fracos de um inimigo específico, atacando em sua principal fraqueza ou evitando enfrentar o inimigo em sua principal força (Liang & Xiangsui, 1999).

Essa abordagem, quando analisada mais atentamente, nos permite chegar a conclusões úteis e claras, ao mesmo tempo que revela métodos de combate que possibilitam a países como a China se impor diante de adversários com superioridade militar e tecnológica significativa, como os EUA.

As implicações da contribuição teórica e prática de Liang e Xiangsui são vastas, exigindo dos planejadores e decisores uma constante adaptação para lidar com a natureza dinâmica dos conflitos atuais.

2.1.3 GUERRA COMPOSTA

A guerra composta é um conceito estratégico introduzido pelo historiador Thomas Huber no final da década de noventa, que integra de maneira sinérgica elementos de guerra regular e irregular ou guerrilha contra o inimigo (Huber, 2004). De acordo com Huber, a eficácia da sinergia dos ataques se torna evidente quando o inimigo é forçado a "concentrar" e "dispersar" suas ações defensivas ao mesmo tempo, enfrentando duas frentes de combate em cenários distintos. No contexto da GH, a principal contribuição da guerra composta reside na aplicação sinérgica das operações, aumentando o impacto sobre o adversário.

Na definição de guerra composta, o autor destaca dois princípios centrais: ocupação e assimetria. Esse tipo de guerra normalmente ocorre quando uma superpotência ocupa total ou parcialmente o território de uma potência menor. Geralmente, a potência menor utiliza esses métodos contra a maior. Contudo, ocasionalmente, ambas as partes envolvidas no conflito podem adotar essas táticas (Fridman, 2018).

Entre os exemplos de guerras compostas destacados por Huber e Hoffman na contemporaneidade, estão a Revolução Chinesa e a Guerra do Vietnã. Na Revolução Chinesa, Mao Tse Tung utilizou tanto as forças convencionais do Partido Comunista Chinês quanto o apoio de milícias campesinas. Já na Guerra do Vietnã, o conflito foi caracterizado pelo uso de táticas de guerrilha pelos Vietcongues e pela atuação do Exército do Vietnã do Norte (Hoffman, 2007).

Após uma breve explanação sobre o conceito de Guerra Composta, pode-se perceber sua relação e contribuição para o conceito atual de Guerras Híbridas. Como mencionado anteriormente, a sinergia é fundamental em ambos os conceitos. No entanto, enquanto a guerra composta possui uma sinergia a nível estratégico, ela não apresenta a complexidade, fusão e simultaneidade a nível operacional e tático que caracterizam as guerras híbridas, onde uma ou ambas as partes acabam por integrar uma ampla gama de tipologias do espectro da guerra (Garcia, 2010).

2.1.4 GUERRA CENTRADA EM REDE E REVOLUÇÕES COLORIDAS

Nesta seção, exploraremos os conceitos interconectados de guerra centrada em rede e revoluções coloridas, derivados dos conflitos mais recentes, e como esses conceitos influenciam a formulação da GH, especialmente sob a perspectiva ocidental.

O conceito de guerra centrada em redes, originado do pensamento militar dos EUA, surgiu em 1998 em documentos da Marinha norte-americana. O objetivo era utilizar redes de tecnologia da informação e de comunicações, cujo uso se intensificou na última década do século XX (Cebrowski; Garstka, 1998). Em essência, a ideia original é melhorar a eficiência das unidades militares, aumentando a coleta, compreensão e comunicação de dados vitais no campo de batalha.

Neste contexto, o poder da computação centrada em rede deriva das interações ricas em informação entre um grande número de nós computacionais distintos. Analogamente, nas redes sociais humanas, os nós são as pessoas envolvidas no processo. A amplificação dessas interações potencializa a tendência a movimentos de protesto contra governos, principalmente através das redes de mídia social ou Organizações Não Governamentais (ONG), utilizando informações manipuladas contra os governantes.

Embora ela se concentre mais nos aspectos tecnológicos das comunicações e nas estratégias de batalha, também é altamente relevante para a mobilização social nas revoluções coloridas.

As revoluções coloridas são movimentos indiretos destinados a provocar conflitos internos. Elas utilizam ferramentas de propaganda e estudos psicológicos, combinados com o uso de redes sociais, para organizar manifestações em massa com o objetivo de desestabilizar governos, sob o pretexto de reivindicações abstratas como democracia e liberdade.

As revoluções coloridas são vistas como um ataque indireto à nação alvo, pois não utilizam forças convencionais, o que as torna indefinidas e difíceis de prever. A imprevisibilidade intrínseca dessa abordagem indireta confunde o ciclo OODA⁷ (Observar, Orientar, Decidir e Agir) do alvo, desorientando o inimigo e enfraquecendo sua capacidade de tomar decisões corretas e agir de maneira adequada (Korybko, 2018).

O cerne das revoluções coloridas pode ser resumido na dominação social. Essas manifestações têm a capacidade de mobilizar um número significativo de indivíduos para desafiar abertamente o Estado e tentar substituí-lo. Para serem bem-sucedidos, esses movimentos sociais não precisam engajar a maioria da população, mas apenas reunir um número suficiente de pessoas capazes de comprometer a integridade das relações públicas e a segurança do governo em defesa. A dominação social é alcançada quando a massa crítica é eficazmente empregada contra os líderes governamentais. Dessa forma, as revoluções coloridas procuram controlar diversos aspectos da sociedade, como ideologia, informação e psicologia, sendo impulsionadas pelo dinamismo proporcionado pela tecnologia de comunicação instantânea, especialmente com o advento das mídias sociais.

Em síntese, os conceitos apresentados refletem as complexas dinâmicas dos conflitos modernos, destacando a participação cada vez mais decisiva das redes de comunicação avançadas, não apenas no campo de batalha, mas também no âmbito social e político. A influência das redes de mídia social e o papel da informação e da propaganda são cruciais na moldagem das percepções da população e nas decisões

⁷ Este ciclo foi elaborado pelo piloto de caça da Força Aérea dos EUA John Richard Boyd (1927–1997) e tem por finalidade facilitar a tomada de decisão de um indivíduo após observar a situação, orientar-se, decidir e então, agir (Korybko, 2018)

do inimigo. Todos esses fatores contribuem significativamente para o entendimento e a aplicação da GH.

2.2 PRECEDENTES CONCEITUAIS DA GUERRA HÍBRIDA RUSSA

Neste item, passaremos a analisar o pensamento e o modelo de GH perpetrada pela FR, também conhecida por Gibrídnaya Voyna (GV). De acordo com alguns teóricos, o interesse na teoria da GH pelos militares e acadêmicos russos começou com a análise da atuação americana nos conflitos atuais. Neste ínterim, faz-se mister diferenciar a perspectiva russa, que se baseou inicialmente em táticas militares e atividades operacionais.

O emprego de estratégias híbridas pela FR remonta à era soviética, quando Moscou utilizava técnicas subversivas conhecidas como "operações ativas" para manipular o cenário político europeu, uma prática que originou o conceito de GH, baseado em operações indiretas e assimétricas para dissimular operações convencionais (Chivvis, 2017).

Ofer Fridman argumenta que o conceito de GV tem sua origem na visão russa da guerra como um fenômeno não apenas político, mas também social. Ele compartilha características com a teoria da subversão de Messner, a teoria de Dugin de guerra centrada em rede e a teoria de Panarin sobre a guerra da informação (Fridman, 2018).

Em 2013, foi apresentado pela primeira vez ao público o conceito russo de guerra de nova geração em um artigo publicado pelo General Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior da das Forças Armadas da FR. Nele, Gerasimov expôs uma série de princípios fundamentais por trás do pensamento da FR sobre a guerra moderna. Esta doutrina ficou conhecida como Doutrina Gerasimov e serviu de base para moldar o pensamento militar russo contemporâneo, sendo também aprofundada no decorrer deste capítulo.

Dessa forma, passaremos a analisar, sob a perspectiva da GV, alguns conceitos preliminares que a influenciaram.

2.2.1 GUERRA DE SUBVERSÃO

Ofer Fridman, em sua obra "*Russian 'Hybrid Warfare': Resurgence and Politicisation*", explora a guerra de subversão como uma estratégia fundamental na GH russa. Segundo Fridman, a guerra de subversão, proposta por Evgeny Messner, é definida como o uso de táticas não militares para desestabilizar e enfraquecer um adversário, sem recorrer a um confronto direto. Essas táticas incluem a propaganda, a desinformação, a manipulação de opiniões públicas e a exploração de divisões sociais e políticas dentro do país-alvo (Fridman, 2018).

Messner destaca a importância da manipulação psicológica e da propaganda nesse tipo de conflito, visando minar as estruturas políticas e sociais de um adversário de maneira indireta e dissimulada (Fridman, 2018).

Fridman destaca que a FR tem empregado essa abordagem com grande eficácia explorando sutilmente as vulnerabilidades das democracias liberais, tornando a detecção e a resposta mais desafiadoras. Dessa forma, a FR consegue alcançar seus objetivos estratégicos sem desencadear uma resposta militar convencional (Fridman, 2018).

Em resumo, essa estratégia subversiva tem sido uma ferramenta central no *modus operandi* da GH russa. Para os estados ocidentais, isso implica a necessidade de uma resposta contínua, abrangente e adaptativa aos desafios apresentados. Além disso, destacamos a importância da resiliência estratégica em um ambiente de conflito em constante evolução.

2.2.2 GUERRA CENTRADA EM REDE

Conforme mencionado anteriormente na seção 2.1.4, que aborda a guerra centrada em rede sob a perspectiva ocidental, este capítulo complementarará essa teoria, mas do ponto de vista russo. Isso será apresentado com base na obra do cientista político russo Aleksandr Dugin, que atualiza e dá continuidade ao trabalho de Messner sobre métodos subversivos modernos.

Como a interpretação deste conceito por Dugin difere substancialmente da sua contraparte norte-americana, e da maneira como o termo original dos EUA foi discutido nas Forças Armadas russas, é crucial destacar essas diferenças como ponto de partida.

Enquanto os pensadores americanos afirmavam que a adaptação dos conceitos de guerra centrada em rede às operações militares aumentaria a eficácia, a

nova concepção russa propõe uma transformação mais ampla. Esta abordagem não se restringe ao domínio militar, mas abrange também os meios de comunicação, a opinião pública, o apoio econômico, a diplomacia, a inteligência, a psicologia coletiva, as inovações tecnológicas e outros. Nesse contexto, a imagem percebida torna-se mais importante do que a realidade, com o controle da dimensão informacional sendo o principal fator e a razão de ser da guerra moderna.

Há diferentes tipos de redes com conexões estabelecidas internamente, a qual podemos dividir em redes naturais, composta por grupos étnicos, sociais, religiosos, por exemplo; bem como redes artificiais, como ONG, grupos representativos de direitos humanos, iniciativas voltadas à educação, atividades de pesquisa, redes acadêmicas, organizações públicas, etc. Em quaisquer destas redes é possível moldar intencionalmente um fluxo de informação desejado, promovendo os valores e interesses da rede estrangeira.

Em suma, o objetivo da guerra centrada na rede é influenciar redes de pessoas, fundações, organizações, entre outros, que intuitivamente, ou não, promovem determinado conjunto de ideias numa tentativa de alcançar determinados objetivos políticos.

2.2.3 DOUTRINA GERASIMOV

Na perspectiva russa, as operações mais evidentes de mudança de regime conduzidas pelos EUA e pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) ocorreram no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003-2011). Segundo os russos, o método tem sido encontrar um pretexto adequado, como as armas de destruição em massa no caso do Iraque ou a prevenção de genocídio na Iugoslávia, e, em seguida, lançar uma operação militar para provocar a mudança. No entanto, de acordo com Gerasimov a estratégia atual mudou para ataques iniciais por meio de oposição política, utilizando propaganda na televisão, na internet e apoio de ONG (Bartles, 2016).

A "Doutrina Gerasimov", nomeada em homenagem ao General Valery Gerasimov, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da FR, foi delineada em um artigo publicado por Gerasimov em 2013 (Fabian, 2019). Nele, Gerasimov definiu a GH russa como uma "guerra de nova geração" e expôs uma série de princípios. O

principal princípio apresentado foi a ideia de que o mundo se encontra em estado constante de conflito, já que, no século XXI, temos observado uma tendência de obscurecimento das fronteiras entre guerra e paz.

O General destaca a importância dos recursos não militares para alcançar os fins políticos e estratégicos. Nesse sentido, argumenta sobre a utilização de meios dissimulados, bem como o emprego da força de forma não evidente, sem relegar a um segundo plano o uso de informação e de forças especiais (Fabian, 2019).

Os russos acreditam que, quando esses métodos são utilizados e sequenciados de maneira adequada, podem rapidamente transformar um estado estável e próspero em um cenário de caos, revolta popular e guerra civil, tornando-o vulnerável à intervenção estrangeira.

Embora Gerasimov reconheça que tais eventos não eram tradicionalmente considerados atividades de guerra, ele prevê que se tornarão comuns nos conflitos do século XXI (Chekinov et al., 2013).

Vale ressaltar que a FR também nega sempre qualquer envolvimento quando existe qualquer tentativa de responsabilizar a sua atuação.

A nova abordagem russa tem por objetivo primordial as mentes humanas e por isso é caracterizada por um acentuado uso de operações de informação⁸ e operações psicológicas⁹. O objetivo principal é diminuir ao mínimo a necessidade de emprego de meios militares convencionais, colocando a população civil e militar e a favor do atacante em detrimento do seu próprio governo e país. Na conjuntura geopolítica atual, o inimigo em evidência é o Ocidente, a cultura, os respectivos valores, o sistema político e a ideologia. (Berzins, 2014).

Por fim, como podemos verificar, a FR recorre a uma zona cinzenta entre a paz e a guerra onde não é evidente a existência de um ataque ou não. As ideias de Gerasimov surgem da tentativa de recuperar a influência geopolítica após o colapso

⁸ As operações de informação consistem no emprego coordenado das capacidades relacionadas à informação (CRI), em contribuição a outras operações ou mesmo compondo o esforço principal, para informar e influenciar pessoas ou grupos hostis, neutros ou favoráveis, capazes de impactar positiva ou negativamente o alcance dos objetivos políticos e militares, bem como para comprometer o processo decisório dos oponentes ou potenciais oponentes, enquanto garantindo a integridade do nosso processo. Dentre as CRI, destacam-se como principais: Operações Psicológicas, Ações de Guerra Eletrônica, Defesa Cibernética, Comunicação Social e Assuntos Cíveis (BRASIL, 2020, p. 193).

⁹ As ações psicológicas são um conjunto de ações de cunho psicológico, desencadeado por meio da manipulação da comunicação social, buscando persuadir determinado público e obter atitudes favoráveis à consecução dos objetivos de quem a produz (BRASIL, 2020, p. 113).

da União Soviética em 1991. Com base nesses conceitos, foi desenvolvida a estratégia de GH Russa, conhecida como GV.

2.3 GUERRA HÍBRIDA E *GIBRIDNAYA VOYNA*

A partir dos conceitos preliminares discutidos nas seções anteriores, que fundamentaram a evolução do conceito de GH, podemos compreender que existem divergências entre a perspectiva ocidental e a russa, embora estes atores empreguem métodos e estratégias bastante similares. Sendo assim, nesta seção, iremos analisar as dinâmicas teóricas que se influenciam mutuamente no desenvolvimento de cada ponto de vista, diante de realidade distintas.

Ressaltamos que a GH, sob a perspectiva ocidental, apresenta uma ampliação nos campos de abordagem em relação à conceitualização original proposta por Frank Hoffman em 2007, o qual será fator primordial para a análise comparativa deste trabalho.

De acordo com Hoffman, a GH pode ser conduzida por atores estatais e não estatais e envolve:

Uma gama de diferentes modos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas incluindo violência e coerção indiscriminada e desordem criminosa (Hoffman, 2007, p. 58, tradução nossa)¹⁰.

Essa definição destacou a importância de mesclar táticas irregulares e convencionais, ampliando o escopo da guerra para abranger atos criminosos. O pensamento apresentado em 2007 por Frank Hoffman refletia o contexto americano, operacional e estratégico, voltado principalmente para o Oriente Médio. Ficou evidente que ainda via os atores não estatais, particularmente as organizações terroristas, como os principais adversários das forças americanas (Mumford, 2022).

De acordo com Cox (2013), mesmo que os conceitos de GH de ameaças híbridas sejam frágeis e superficiais, Frank Hoffman destaca uma grande contribuição, que deve ser considerado a respeito de conflitos hodiernos. Hoffman indica que as guerras vindouras terão um caráter multimodal e enfatiza a urgência de transformação

¹⁰ No original: “*Hybrid Wars can be waged by states or political group and incorporate a range of different models of warfare including conventional capabilities, irregular tactics and formations, terrorist acts including indiscriminate violence and cohesion, and criminal disorder*”.

no pensamento militar estadunidense, considerado por ele predominantemente binário, dividindo-se entre conflitos convencionais e irregulares.

Segundo Fridman (2018), a OTAN foi pioneira na reformulação do conceito de GH desenvolvido por Hoffman, com o objetivo de elevá-lo ao nível estratégico e ampliar seu escopo. Considerando que a OTAN é uma organização que também incorpora elementos políticos, surgiu a necessidade de revisar o conceito original proposto por Hoffman, adaptando-o ao pensamento da Aliança diante das ameaças contemporâneas.

Nesse sentido, em 2010, a OTAN publicou um documento definindo o conceito de que Ameaças híbridas envolvem adversários (incluindo estados, estados desonestos, atores não estatais ou organizações terroristas) que podem empregar uma combinação de ações em um ambiente de operação cada vez mais irrestrito para atingir seus objetivos. Ameaças híbridas são compostas por, e operam em, múltiplos sistemas/subsistemas (incluindo econômico/financeiro, legal, político, social e militar/segurança) simultaneamente (OTAN, 2010).

Assim, essa nova conceitualização da OTAN ampliou o conceito original de Hoffman, indo além do escopo estritamente militar para abranger um espectro mais amplo de ameaças, inclusive não militares, que possam representar riscos à segurança dos estados membros da organização. Com essa nova conceitualização, o conceito de GH sob a perspectiva americana passou por uma grande reformulação, a ponto de Fridman observar que a única semelhança remanescente com o termo original seria o nome. Em continuidade a esse pensamento, Hoffman (2014) publicou um novo artigo onde reconhece a necessidade de revisar seu conceito inicial e apoia a expansão conceitual proposta pela OTAN. Essa expansão inclui meios não convencionais e sem o uso da violência, como ações econômicas, informacionais, políticas e diplomáticas.

No decorrer dos capítulos, ao analisarmos comparativamente as ações empreendidas na Ucrânia, de acordo com as abordagens russas e estadunidenses, devemos observar que o conceito pressuposto será o estabelecido pela OTAN, ou seja, uma abordagem ocidental com espectro mais abrangente de ameaças.

O discurso sobre a GH não avançou substancialmente até o conflito na Ucrânia em 2014. Entre 2007 e 2014, as preocupações da comunidade acadêmica e de segurança internacional estavam majoritariamente centradas nos problemas decorrentes da contra-insurgência no Afeganistão e na estratégia de saída desse

conflito. O início da guerra na Ucrânia em 2014 provocou o renascimento do estudo da GH (Mumford, 2022). Os eventos desse conflito mostraram uma estratégia operacional meticulosa por parte da FR, que serão estudados nos capítulos seguintes.

De acordo com Fridman, tanto os analistas ocidentais quanto a OTAN ficaram impressionados com o sucesso, sinergia e coordenação das ações realizadas pela FR em diversas modalidades. Essas modalidades incluíam as esferas militar, política, informacional e econômica, entre outras. Desde então, prevaleceu o entendimento de que as táticas russas constituem uma estratégia híbrida, exigindo uma adaptação das medidas de combate a esse novo contexto (Fridman, 2018).

Por ocasião desta construção de conceito, podemos ainda observar, que houve uma politização e aproveitamento da narrativa de ameaça híbrida russa, por parte da OTAN. Através deste pensamento, a OTAN buscou tirar proveito em três diferentes cenários conforme a seguir: maior exigência dos seus membros para aumentar investimentos em áreas diferentes das relacionadas com assuntos estritamente militares; maior reconhecimento da organização no papel de símbolo de luta pelos valores democráticos; e o sentimento de risco à soberania dos estados do Leste Europeus que fazem parte da OTAN frente à ameaça russa (Fridman, 2018).

Na visão ocidental, a ampliação do conceito de GH iniciada pela nova concepção da OTAN, que passou de uma ideia estritamente militar para abranger novas dimensões, permitiu a adaptação do tema às ameaças contemporâneas. Isso também facilitou a continuidade dos estudos para formular bases teóricas sólidas, conectando essa abordagem à anexação da Crimeia em 2014.

Ao abordar a perspectiva russa, partindo dos conceitos preliminares apresentados na seção 2.2, que circularam entre acadêmicos até o conflito com a Ucrânia, quando o termo *Gibridnaya Voyna* (GV) ganhou popularidade, entendemos que se trata de uma guerra não militar destinada a destruir o espírito do adversário, corroendo gradualmente sua cultura, valores e autoestima (Fridman, 2018).

De acordo com Fridman, a GV possui o seguinte objetivo:

evitar o campo de batalha tradicional com o objetivo de destruir o adversário através de uma mistura de métodos ideológicos, informativos, financeiros, políticos e econômicos, conduzindo em última análise à desintegração

sociocultural e, eventualmente, colapso social (Fridman, 2018, p. 17. tradução nossa)¹¹.

Tradicionalmente, Moscou tem utilizado formas híbridas de combate para garantir que questões político-estratégicas sejam tratadas conforme seus objetivos, como: denegrir e enfraquecer OTAN; prejudicar ou influenciar os governos pró-ocidentais; criar um precedente para a guerra; anexar território (com especial predominância em países ex-soviéticos); e assegurar a manutenção da presença russa nos mercados europeus. (Chivvis, 2017).

Embora não exista uma doutrina russa para a GH, este termo passou a ser amplamente utilizado pelos estrategistas, incluindo a OTAN, e tornou-se uma nova tendência e pensamento militar para o modo russo de conduzir a guerra (Kasapoglu, 2015).

Nesse contexto, é importante destacar, de forma resumida, o ponto de vista russo sobre a concepção de GH de Korybko (2018), que estrutura ações com base nas revoluções coloridas e na guerra não convencional em um estágio posterior. Sob a ótica ocidental, as revoluções coloridas são vistas como um meio de democratização em estados dominados por ditaduras. No entanto, a perspectiva russa enxerga esse fenômeno como uma nova forma de guerra, conduzida pelos EUA, com o objetivo de interferir e alterar governantes e líderes em estados anti-ocidentais. Defendendo esse modo de pensar, importantes líderes russos expressaram grande preocupação e argumentaram a necessidade de implementar ações para mitigar esse tipo de ameaça no território russo.

¹¹ No original: “to avoid the traditional battlefield with the aim of destroying the adversary via a mixture of ideological, informational, financial, political and economic methods, ultimately leading to socio-cultural disintegration and, eventually, social collapse”.

3 CONTEXTO HISTÓRICO PÓS-GUERRA FRIA NA UCRÂNIA

Sabemos que o processo de anexação da Crimeia não ocorreu de forma repentina, tendo sido, de certa forma, discreto e tido, por alguns observadores internacionais, como quase imperceptível. A relação entre a FR e a Ucrânia, especialmente em relação à região da Crimeia, foi influenciada por eventos significativos que permitiram que a anexação acontecesse praticamente sem o emprego de violência na região. Neste capítulo, será apresentada a contextualização histórica e geopolítica, enfatizando a Revolução Laranja e sua conexão com os eventos que acarretaram a tomada da península por Moscou em 2015, sob a temática teórica da GH, conforme já delineado nos capítulos anteriores.

3.1 ALTERNÂNCIA POLÍTICA PÓS-GUERRA FRIA

No período contemporâneo, a história da Ucrânia foi marcada por ocupações estrangeiras das mais variadas, o que moldou uma identidade de constante busca por sua soberania territorial (Fortes, 2017).

Com a dissolução da União Soviética, os cidadãos da Ucrânia tiveram a oportunidade de reivindicar a autonomia e soberania por meio de um processo eleitoral. Após a este processo de emancipação, os presidentes que se sucederam foram Leonid Kravchuk, de 1991 a 1994, e Leonid Kuchma, de 1995 a 2004. Em ambos os mandatos ocorreram muitos casos de corrupção sistêmica, além de disputa entre grupos oligárquicos relacionados ao crime organizado. Neste íterim, a Ucrânia encontrava-se ora tendência de relações bilaterais próximas à FR e ora com a Europa Ocidental.

Um traço marcante da vida política recente da Ucrânia é a ocorrência de manifestações populares devido a casos de corrupção e consequente deposição de presidentes do poder. Em 1993, em meio a greves e antes do término de seu mandato, Leonid Kravchuk foi forçado promover novo processo eleitoral; e por duas vezes, em 2004 e 2014, também em meio a manifestações em massa, o presidente Yanukovich foi deposto do poder.

No que tange as relações com a OTAN e as suas negociações sobre a entrada de mais estados membros, Moscou e Kiev defendem posicionamentos opostos. Enquanto Kiev enxerga uma possibilidade de assegurar sua integridade territorial

diante da FR, esta por sua vez, entende esse movimento como uma interferência direta e uma ameaça, dificultando o seu poder de influência no leste europeu. (Mielniczuk, 2006).

3.2 REVOLUÇÃO LARANJA

No contexto das revoluções coloridas, antes do seu décimo ano no poder e sem opção de reeleição, Kuchma estava politicamente isolado e seu governo abalado. Ele então indicou Viktor Yanukovych, o primeiro-ministro na época, como candidato nas eleições de 2004. O principal opositor de Yanukovych, Viktor Yushchenko, era contrário aos interesses de Putin. Yushchenko se opunha ao acordo de cooperação sobre o Porto de Sebastopol e defendia a aproximação da Ucrânia com a OTAN e a União Europeia (UE) (Ortega, 2009; Poty, 2018).

Após o segundo turno, o resultado apontou a vitória de Yanukovych. Porém, esta apuração foi contestada tanto internacionalmente como por grupos ucranianos. A partir de então, na capital ucraniana iniciaram-se protestos reivindicando nova realização do processo eleitoral, respeitando agora, a legalidade e o compromisso com a democracia. Nessas eleições, diversas fraudes foram denunciadas, desde falsificação na apuração de urnas, transporte ilegal de eleitores até ameaças aos cidadãos. Estes eventos revelaram também o interesse das grandes potências antagônicas nos assuntos internos ucranianos. Este evento político ficou caracterizado como Revolução Laranja (Ortega, 2009; Fortes, 2017).

Neste ambiente político, o parlamento discutia a possibilidade de novas eleições devido às alegações de fraude. Movimentos populares e ONG tiveram um papel crucial no monitoramento da apuração e do processo eleitoral em geral. A oposição russa à Revolução Laranja e a acusação de golpe de estado surgiram principalmente porque as manifestações contestavam a vitória do candidato apoiado por Putin. Em resposta, Putin expressou publicamente seu apoio a Yanukovych em diversas ocasiões (Ortega, 2009; Fortes, 2017)

Com grande acompanhamento internacional, bem como por órgãos internos ucranianos, uma nova rodada do segundo turno foi realizada, desta vez com vitória de Yushchenko sobre Yanukovych, com total de 52% dos votos. (Ortega, 2009; Fortes, 2017).

Apesar de se opor ao desfecho da Revolução Laranja, a FR manteve relações diplomáticas com a Ucrânia. As crises do gás em 2006 e 2009 demonstraram a grande influência que Putin continuou a exercer nas relações bilaterais entre os dois estados (Fortes, 2017). Contrariando a consolidação da Revolução Laranja e seu desfecho desastroso, Yanukovych foi eleito primeiro-ministro em 2006 e, posteriormente, presidente em 2010 (Poty, 2018).

3.3 UMA UCRÂNIA DIVIDIDA

Em meio a uma Ucrânia polarizada, composta por russófonos predominantemente no sul e leste, e ucranianos étnicos concentrados no Oeste, ocorreram as eleições presidenciais de 2010. Com a posse de Yanukovych, Moscou tinha grandes expectativas de progresso nas relações com Kiev. Esse avanço realmente ocorreu, especialmente em questões militares, como demonstrado pela concessão da Base Naval de Sebastopol por 25 anos em troca de descontos no gás natural fornecido à Ucrânia. Como parte desses acordos, Yanukovych se comprometeu a não aderir à OTAN (Poty, 2018).

Durante o mandato de Yanukovych, a polarização entre os ucranianos favoráveis à UE e à FR atingiu um alto nível de tensão e distanciamento no diálogo. Além disso, a corrupção e a crescente desigualdade socioeconômica entre as classes continuavam sendo fontes significativas de descontentamento. É importante destacar que as relações obscuras dos oligarcas russos com a FR, especialmente no setor energético, resultavam em grande dependência e submissão às influências políticas e econômicas de Moscou.

Na busca por reformas estruturais econômicas e políticas no país e diante da falta de interesse das autoridades no poder em mudar a sistemática vigente, os ucranianos passaram a apoiar um estreitamento de relações com a UE (Shveda, Ho Park, 2015).

No final de 2013, a Ucrânia enfrentou uma difícil decisão política entre a adesão à União Econômica Eurasiática ou à UE. Em novembro daquele ano, esse momento se tornou decisivo, pois a escolha deveria ser consolidada com a assinatura do *European Union Association Agreement*, visando a incorporação à UE (Fortes, 2017).

3.4 REVOLUÇÃO DE MAIDAN

Para se opor à incorporação da Ucrânia à União Europeia em novembro de 2013, a FR começou a pressionar a Ucrânia desde o mês anterior, impondo restrições econômicas e políticas. Essas medidas incluíam o aumento de taxas e encargos alfandegários, cobranças financeiras pelo abastecimento de gás natural e maiores custos de combustíveis (Poty, 2018).

Em contrapartida, a FR ofereceu vantagens para integrar a Ucrânia na União Eurasiática. Essa proposta incluía um financiamento de 15 bilhões de dólares e uma redução de 34% no preço do gás natural. Yanukovych cedeu às ofertas russas e suspendeu as negociações de aproximação com a União Europeia (Fortes, 2017). Imediatamente, uma grande concentração de manifestantes se formou na Praça da Independência, entoando palavras de ordem e "Euromaidan". Paralelamente, as reivindicações se propagaram intensamente nas mídias sociais (LANE, 2009; Shveda, Ho Park, 2015).

Para estabelecer uma relação cronológica e a escalada de violência, Shveda e Ho Park (2015) distinguiram o desenvolvimento do "Euromaidan" em três estágios. (Shveda, Ho Park, 2015).

No primeiro estágio, os principais atores eram estudantes, sem o envolvimento de partidos políticos. À medida que o movimento crescia, seu caráter também mudava. Grupos de extrema-direita, como *Svoboda* e *Pravyi Sektor*, assumiram a liderança e se destacaram na condução do movimento.

Como as reivindicações não tiveram efeito diante das autoridades ucranianas, as manifestações continuaram. Em 31 de novembro, a crise se intensificou quando cerca de 500 manifestantes foram removidos violentamente da Praça da Independência. A partir desse ponto, iniciou-se o segundo estágio, com repercussões internacionais. Imagens de agressão policial contra estudantes começaram a circular nas redes sociais, atraindo críticas de importantes organismos internacionais, como a ONU, OTAN, UE, além de ONG internacionais, aos líderes ucranianos. Em resposta, as manifestações se tornaram mais agressivas, com barricadas sendo erguidas na praça, transformando-a em um campo de batalha (Sveda, Ho Park, 2015).

Na terceira fase, a violência escalou novamente, culminando na morte de vários estudantes em um confronto ocorrido no dia 22 de janeiro, conhecido como o "*Bloody Reunion Day*". Nos meses seguintes, ocorreram diversas reuniões entre líderes do

governo e da oposição, mas nenhuma chegou a um acordo. Após várias tentativas de negociação fracassadas, os manifestantes invadiram o Palácio Presidencial, exigindo a renúncia do presidente. Como resultado dessa última ofensiva, a Revolução de Maidan terminou em 21 de fevereiro, com a renúncia de Yanukovich (Shveda, Ho Park, 2015).

O novo governo formado foi fortemente influenciado pelos EUA, com Yulia Tymoshenko, uma figura proeminente da oligarquia ucraniana, assumindo a presidência interina do país. As aspirações de aproximação com o Ocidente se consolidaram no início deste novo mandato, especialmente com a assinatura do Acordo de Associação com a UE (Poty, 2018). Esse novo posicionamento anti-Rússia gerou insatisfação e uma resposta de Moscou, particularmente em relação à península da Crimeia e ao controle da Frota do Mar Negro.

3.5 A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Desde 1992, a FR e a Ucrânia fizeram acordos para a pactuação da repartição da Frota Soviética do Mar Negro e a permanência russa na península da Crimeia. A FR entregou mais de 18% dos navios da frota à Ucrânia, mas se recusou a deixar Sebastopol. Embora a Ucrânia tenha perdido a disputa pela frota, o conjunto de acordos abriu as portas para um tratado de amizade russo-ucraniano que garantiu a integridade territorial ucraniana (Ploky, 2015).

Em relação à população da Crimeia, a maioria dos residentes é de origem russa e tem o russo como língua predominante. Como esperado, grande parte dos cidadãos da Crimeia votou em Yanukovich nas eleições de 2010 (Poty, 2018).

De acordo com o presidente Putin, a decisão de reintegrar a Crimeia à FR foi tomada por ele pessoalmente durante uma reunião com seus conselheiros políticos e comandantes militares na noite de 22 de fevereiro de 2014. Poucos dias após essa decisão, homens armados pró-russos assumiram o controle do Parlamento da Crimeia e rapidamente organizaram um referendo para a completa anexação da península. Nesse contexto, o novo governo provisório da Crimeia adotou medidas como a restrição dos canais de televisão ucranianos, o impedimento da distribuição de jornais ucranianos aos assinantes e a promoção de uma campanha propagandística pela separação da Crimeia da Ucrânia. Além disso, opositores do referendo, especialmente

membros da minoria tártara da Crimeia, enfrentaram intimidações e sequestros como forma de coação (Ploky, 2015).

O governo ucraniano em Kiev não aceitou o resultado do referendo, mas não tinha poder para tomar grandes ações em resposta. Em vez disso, ordenou a retirada de suas tropas da região, visando evitar a eclosão de uma guerra em um país já dividido pelas agitações políticas em Kiev. Com poucos recursos e falta de experiência em conflitos armados, o exército ucraniano não conseguiu enfrentar as tropas bem treinadas e equipadas da FR (Ploky, 2015).

Diante desses eventos, a sociedade ucraniana se mobilizou, com muitos cidadãos se unindo ao exército e a formações voluntárias para combater a insurgência apoiada pela FR. A sociedade assumiu a responsabilidade de apoiar as forças militares, já que o governo não tinha recursos suficientes (Ploky, 2015).

4 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS ABORDAGENS RUSSAS E OCIDENTAIS DE GUERRA HÍBRIDA NA UCRÂNIA

Neste capítulo, trataremos das ações dos EUA e da FR na Ucrânia, com ênfase na Revolução Laranja (2004) e na anexação da Crimeia (2014-2015). Nosso objetivo é identificar os eventos relevantes influenciados por essas duas potências antagônicas e entender as táticas e mecanismos utilizados. Buscaremos realizar uma análise comparativa sob ambas as perspectivas de GH, questionando se estamos realmente nos referindo a conceitos diferentes.

4.1 O PROTAGONISMO AMERICANO NA REVOLUÇÃO LARANJA

Nesta seção, analisaremos as ações ocorridas durante a Revolução Laranja, com ênfase na influência dos EUA sobre a política ucraniana. Nosso objetivo é identificar as influências americanas e russas que moldaram e impulsionaram as forças e movimentos internos, sob a ótica da GH. As atividades dos EUA serão examinadas sob a perspectiva russa de GH, que inclui as revoluções coloridas como uma de suas ferramentas. Esse conceito se reflete nas ações subsequentes, culminando na anexação da Crimeia, as quais serão analisadas na próxima parte desta seção.

Um dos fatores que impediram a Ucrânia de se tornar um regime autoritário foi a influência externa. Embora liderasse um governo amplamente considerado corrupto e criminoso, Kuchma desejava estreitar os laços de cooperação com o Ocidente e, por isso, evitou estabelecer um regime completamente tirano no país. Esse desejo de integração ao Ocidente ofereceu aos diplomatas dos EUA e da UE a chance de adotar uma política mais construtiva e crítica em relação à Ucrânia, em vez de isolá-la à medida que se tornava mais autoritária. Durante as eleições presidenciais de 2004, os EUA procuraram manter o interesse das lideranças ucranianas pelo Ocidente. Em contrapartida, a FR encorajava métodos autocráticos para assegurar a permanência no poder. No entanto, a assistência ideológica e financeira russa não conseguiu criar um regime autoritário estável no país vizinho (Mcfaul, 2007).

Embora não estivesse concorrendo à presidência, Kuchma apresentou Yanukovich como seu sucessor, o que foi visto pelos ucranianos como uma

continuidade de seu governo, marcado pela corrupção e crimes. No cenário internacional, a mídia reforçou essa percepção, diminuindo ainda mais a popularidade de Kuchma ao retratá-lo como líder de um governo criminoso e ilegítimo.

A Ucrânia nunca desenvolveu amplamente a capacidade de reprimir manifestações em massa. Devido à participação em Missões de Paz no exterior, especialmente como parte da OTAN, observou-se que os soldados tendiam a favorecer as manifestações. Em contraste, Moscou apoiava a intenção de Yanukovych de reprimir os protestos com o uso da força (Mcfaul, 2007).

Oficiais e diplomatas influentes do Ocidente desempenharam um papel ativo na consolidação da oposição ucraniana. O apoio aos movimentos oposicionistas foi prestado por meio de organizações transnacionais, como a *United States Agency for International Development* (USAID), a *National Endowment for Democracy* (NED), a *Organization for Security and Cooperation in Europe* (OSCE), e o *National Democratic Institute* (NDI), entre outros.

Por outro lado, a FR adotou uma abordagem oposta, utilizando propaganda para atacar os principais líderes da oposição e prejudicar suas reputações. Um exemplo significativo é o de Yulia Tymoshenko, que enfrentou acusações de ter recebido propina durante as negociações de fornecimento de gás natural com a FR (McFaul, 2007).

A força de um sistema democrático se refletiu nos diversos organismos que acompanharam todo o processo eleitoral, permitindo a identificação e divulgação de indícios de fraudes. Além disso, houve apoio de organizações internacionais, como a USAID e a OSCE, à *Committee of Voters of Ukraine* (CVU), a principal ONG responsável por monitorar a apuração eleitoral (Zeller, 2013).

Outro ponto importante é a assistência e a participação internacional na condução de pesquisas de intenção de voto paralelas. Esse recurso confere grande legitimidade às demandas por resultados precisos e à identificação de possíveis fraudes. A busca por legitimidade na realização de eleições é crucial para o fenômeno das revoluções coloridas.

As ações políticas da oposição enfrentavam interferências do estado, que controlava os meios de comunicação, especialmente a mídia televisiva, resultando em uma desigualdade no tempo de exposição. Além disso, Kuchma contava com o suporte das emissoras de TV russas, que tinham grande audiência na Ucrânia (McFaul, 2007).

Mesmo em um contexto desfavorável, surgiram diversos veículos de mídia que desempenharam um papel significativo. Apesar de sua pequena abrangência e audiência, o "Canal 5" foi um dos principais apoiadores de Yushchenko. Esse canal ajudou na mobilização pública e na divulgação de fraudes, incentivando mais ucranianos a se unirem às manifestações.

Além das redes de televisão, outras plataformas de comunicação foram fundamentais nas eleições presidenciais e na Revolução Laranja, como páginas de notícias na internet, transmissoras de rádio e mídias online. Uma dessas páginas foi a *Ukrainska Pravda*, que desempenhou um papel relevante na coordenação e divulgação de atualizações logísticas sobre as manifestações. No que diz respeito à participação e apoio externo, a NED forneceu ajuda financeira ao jornal *Ukrainska Pravda*, enquanto veículos ocidentais de grande expressão, como a BBC, cobriram intensamente os eventos ocorridos na Maidan¹² (McFaul, 2007).

Diante deste caso concreto de revoluções coloridas, um elemento catalizador fundamental está nas rápidas transformações e no intenso fluxo de informações proporcionados pelo avanço da tecnologia, através de plataformas como o Twitter e Facebook (Korybko, 2018). Essas plataformas são exploradas como terreno para mobilizações públicas, compartilhamento e disseminação de ideias contrárias às autoridades governantes, como observado na Revolução Laranja.

Um ponto importante no contexto das revoluções coloridas é que mobilizações pacíficas em massa, sem escalada de violência, não são suficientes para derrubar um governo autocrático. Para aumentar a probabilidade de sucesso nos objetivos políticos, é necessário um forte sentimento interno de luta e resistência (Korybko, 2018).

Por fim, a elucidação dos fatos e aspectos apresentados sobre a Revolução Laranja nos permite compreender a evolução do conceito de GH sob a perspectiva russa, em contraste com o caráter democrático que o Ocidente alega defender. Em contrapartida, a FR argumenta que, em sua visão, os EUA e o Ocidente utilizam as revoluções coloridas como um novo método dentro do espectro da GH para se contrapor a Moscou no contexto pós-Guerra Fria.

¹² Maidan ficou conhecido como o local onde os protestos aconteciam (Praça da Independência em Kiev).

4.2 O PROTAGONISMO RUSSO NO CONFLITO UCRANIANO DE 2014

Seguindo a cronologia dos eventos discutidos neste estudo, a partir dos pontos de vista antagônicos das táticas militares ocidentais e russas debatidas na seção 2.3, analisaremos os acontecimentos relacionados à anexação da Crimeia pela FR em 2014. Durante essa análise, destacaremos os aspectos específicos das táticas de GH aplicadas pela FR.

Após a Revolução Laranja na Ucrânia, as relações da FR com o Ocidente começaram a deteriorar-se. Posteriormente, devido ao aumento dos investimentos no exterior e à alta nos preços do petróleo, a FR recuperou os recursos perdidos nos anos 90 e investiu fortemente em Defesa e Segurança Nacional (Chivvis, 2017).

Para analisar o objeto desta seção, adotaremos a divisão sugerida por Rácz (2015), que segmenta a sequência de eventos ocorridos na Ucrânia em 2014 em três fases distintas: preparação, ataque e estabilização.

A fase inicial de preparação proposta por Rácz compreende dois pontos fundamentais: a identificação de pontos frágeis do inimigo e a não utilização de violência ou atividades ilegais. Em relação às vulnerabilidades, Rácz adota uma abordagem abrangente, considerando aspectos estratégicos, sociais, políticos e econômicos para alcançar seus objetivos. Esse aspecto foi facilitado no caso da FR, devido aos estreitos laços entre seus povos, incluindo idioma, cultura comum e evolução histórica. Entre os mecanismos adotados pela FR estão as relações diplomáticas, a imposição de vantagens ou sanções econômicas e a disseminação de narrativas fabricadas, entre outros (Rácz, 2015).

A não utilização de violência e a observância de aspectos legais dificultam ao país alvo a identificação dessas ações, impedindo que empreenda ações de defesa ou contra-ataque. Uma característica da política externa russa é confundir o adversário sobre suas intenções ou influenciá-lo através do medo e submissão.

Podemos identificar ações características dessa fase inicial desde 2004, com a Revolução Laranja, incluindo tentativas de influenciar a eleição de um governo favorável à FR, crises de gás natural e movimentação de militares sob a alegação de realização de treinamentos na fronteira ucraniana.

No início da crise em 2014, a comparação entre o efetivo militar de Kiev e Moscou era inicialmente vantajosa para a Ucrânia, que possuía cerca de 18 mil homens na península, enquanto a FR contava com aproximadamente 12 mil soldados.

No entanto, as tropas russas eram mais bem treinadas, equipadas e remuneradas. Além disso, acordos bilaterais autorizavam a ampliação do efetivo russo na Crimeia. A FR aproveitou esses acordos para movimentar suas tropas, realizando manobras iniciais sem chamar a atenção da comunidade internacional (Kofman et al., 2017).

Um sinal claro de intervenção russa na Crimeia surgiu com o aumento das tensões contra os manifestantes da Maidan, elevando o nível de alerta de ambas as partes. A partir de 22 de fevereiro de 2014, a FR iniciou as primeiras ações, incluindo sobrevoos da Força Aérea Russa (VDV) com elementos de infantaria (*Spetsnaz*) sobre a fronteira com a península. Na Crimeia, um russo foi nomeado prefeito pela Câmara Municipal. Paralelamente, militares russos se posicionaram em prontidão na praça principal (Kofman et al. 2017).

Em uma manobra de diversiva de Putin, em 26 de fevereiro, um efetivo de 150 mil homens foi desdobrado para a fronteira com a Crimeia sob a justificativa de um treinamento militar. No entanto, o objetivo real dessas tropas era permitir o deslocamento da Força Aérea Russa (VDV) e *Spetsnaz* para a fronteira ucraniana ao norte (Kofman et al., 2017).

No dia 27 de fevereiro, uma série de ações convencionais russas marcou o início da intervenção na Crimeia. Elementos de operações especiais, disfarçados como milícias locais, tomaram o Parlamento da Crimeia. Ao fim do dia, soldados russos sem qualquer identificação bloquearam a Base Aérea de Belbek (Kofman et al., 2017).

As ações perpetradas pela FR a partir de 27 de fevereiro caracterizam a fase de ataque proposta por Rácz (2015). O autor defende que ações ofensivas multidimensionais devem ser tomadas com base nas fraquezas identificadas na fase anterior de preparação. No caso ucraniano, essa fase foi marcada pelo emprego de violência e dissuasão com base em poder de fogo (Rácz, 2015).

Partindo da premissa de exploração em diversos níveis e espectros da GH, foram atribuídas prioridades para o controle político inicialmente. Começou-se pela tomada de órgãos públicos responsáveis pela administração governamental, além de infraestruturas de comunicação e transmissão de rádio e televisão, que foram imediatamente substituídas por sinais de emissoras russas. Durante esse ataque coordenado, não houve qualquer ato de resistência por parte dos ucranianos e suas forças de segurança. Isso pode ser atribuído à precariedade e falta de recursos

adequados para se contraporem, além de Kiev não estar sob uma coordenação clara de comando e controle (Rácz, 2015).

Essas operações foram amplamente apoiadas por uma vigorosa campanha de informação, cujo objetivo central era gerar uma situação de caos controlado e desestruturar física e politicamente as forças de segurança locais da Crimeia. Isso garantiu uma resistência mínima ou inexistente quando os russos assumiram o controle.

Neste período, o serviço de inteligência russo se esforçou para agregar ao movimento separatista unidades constituídas por integrantes de milícias locais e ex-policiais ucranianos. Apesar das numerosas evidências de cooptação de grupos locais para integrar os movimentos insurgentes, Moscou manteve um discurso de negação de envolvimento, inclusive em relação aos eventos em Kiev. Nesse contexto, em uma coletiva de imprensa realizada em 4 de março, Putin reafirmou que não havia interesse na anexação da Crimeia e alegou que não havia soldados russos em solo da Crimeia, pois a movimentação militar fazia parte do calendário de exercícios planejados há muito tempo (Kofman, 2017).

Essas ações meticulosamente conduzidas pelo governo russo estão perfeitamente alinhadas com o conceito de guerra de subversão e de nova geração, pois utilizaram, principalmente no nível político, uma abordagem não-militar com o objetivo de minar a capacidade inimiga de se contrapor às ameaças (Rácz, 2015).

Outro evento importante foi o referendo realizado em 16 de março, após a tomada do poder por líderes separatistas na Crimeia. Este referendo serviu como um instrumento de manobra política para que a FR concretizasse a anexação da península.

Rácz (2015) destaca que as decisões tomadas no referendo careciam de legitimidade, pois os líderes separatistas foram pressionados a votar pela anexação. Segundo ele, a percepção desses líderes foi inteiramente fabricada e reforçada por meio da mídia e de narrativas políticas, tanto no âmbito interno quanto internacional.

Por fim, chegamos à fase de estabilização, a última etapa proposta por Rácz (2015). Nessa fase, são tomadas medidas para obter e consolidar o reconhecimento da legitimidade perante a autonomia e o controle conquistados. A realização de referendos, como o de 16 de março, se enquadra nessa fase. Uma consideração relevante sobre as operações russas na Crimeia é a execução metódica da

estratégia pela FR, sem o registro de qualquer baixa relacionada diretamente às operações conduzidas pelos soldados russos.

4.3 SÍNTESE COMPARATIVA

Com base nas atuações russas e norte-americanas discutidas nas seções anteriores, focando na Revolução Laranja e na anexação da Crimeia, este capítulo fará uma síntese comparativa entre a participação de ambos os lados na Ucrânia. Dado o caráter abrangente do conceito teórico da GH, apresentaremos uma análise objetiva destacando as principais características contrastantes.

Inicialmente, quanto à Revolução Laranja, o fator causal estava diretamente relacionado à condução governamental do presidente Kuchma. Seu governo foi marcado por diversos escândalos de corrupção, que motivaram uma onda de manifestações em Kiev. Além da corrupção sistêmica, Kuchma foi acusado de suposta participação no sequestro e assassinato do jornalista Georgiy Gongadze, além de fraudes eleitorais nas eleições presidenciais, o que desencadeou a Revolução Laranja. A participação americana seguiu o pensamento teórico proposto por Korybko no contexto das revoluções coloridas.

Com relação ao conflito na Crimeia e à GH praticada pela FR, o principal fator motivador foram as implicações decorrentes da substituição do presidente Viktor Yanukovych, que era favorável aos interesses russos. Essa mudança levou ao questionamento dos acordos envolvendo a Base Naval de Sebastopol e à possibilidade de perda do controle sobre a Frota do Mar Negro na Crimeia.

No contexto da Revolução Laranja, os atores envolvidos podem ser divididos em dois grupos principais: domésticos e internacionais. Internamente, destacam-se a sociedade civil, os manifestantes, os grupos de oposição e diversas ONG ucranianas. No cenário internacional, o governo americano, juntamente com várias entidades e ONG internacionais, desempenhou um papel crucial, contribuindo significativamente para o sucesso da revolução (Brunson, 2019).

Ao observar os fatos da anexação da Crimeia, Rauta (2019) classificou os atores não estatais em duas categorias: forças auxiliares e forças afiliadas. As forças auxiliares são descritas como unidades que não integram exércitos regulares, mas estão intimamente associadas ao combate direto, como milícias e forças especiais.

Esses grupos atuam como catalisadores de força, organizando e participando de manifestações a favor da FR, além de desempenharem atividades que visam fortalecer o controle russo sobre a península. A segunda categoria, denominada forças afiliadas, é composta por grupos que, de forma não oficial, estão ligados ao exército regular e não possuem compromisso formal com o conflito. Exemplos desses grupos incluem mercenários¹³, que ganharam relevância recentemente devido à nova mudança de paradigma que representam.

Quanto à natureza da guerra, observamos os seguintes aspectos: a Revolução Laranja foi caracterizada pela ausência de violência, sendo predominantemente marcada por protestos em Kiev. Houve uma significativa influência de operações de informação com o objetivo de enfraquecer o governo de Kuchma e as pretensões presidenciais de Yanukovych. Em relação à anexação da Crimeia, foram identificadas táticas de guerra informacional, guerra de nova geração e a aplicação da chamada Doutrina Gerasimov. Em ambos os eventos, as mobilizações sociais foram fundamentais, conforme já apresentado nas características causais.

Quanto aos símbolos, ideias e promoção de propagandas, esses elementos foram abertamente empregados por ambos os lados. Em Kiev, a imagem do punho cerrado e levantado tornou-se um símbolo icônico de força e resistência, assim como as vestimentas laranjas dos manifestantes na Revolução Laranja. Firmes demonstrações de pertencimento nacionalista e de apoio ao Ocidente foram massivamente propagadas por veículos independentes, alimentados pelo desejo dos cidadãos de combater a corrupção.

Da mesma forma, porém em sentido oposto, o governo russo utilizou a narrativa de defesa da população russa da Crimeia que estaria sob risco, aproveitando-se das características demográficas da península.

Diferentemente das manifestações que precederam a anexação da Crimeia, onde os confrontos entre manifestantes e forças governamentais em 2014 resultaram em dezenas de mortes, a Revolução Laranja se destacou pela ausência de violência, sem registro de mortes associadas às manifestações.

Apesar dos aspectos semelhantes elencados, as estratégias russas e norte-americanas diferem significativamente em termos de dinâmica e objetivos políticos.

¹³ Soldado profissional contratado que luta por qualquer estado ou nação sem levar em consideração interesses ou questões políticas (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2023).

Na Revolução Laranja, a intervenção dos EUA focou-se principalmente em promover mudanças políticas por meios não militares, enfatizando a importância de instituições democráticas e apoiando manifestações populares. Por outro lado, embora a operação não tenha resultado em mortes associadas, a abordagem russa na anexação da Crimeia foi mais direta e agressiva, envolvendo a rápida mobilização de tropas e a utilização de grupos locais para consolidar o controle territorial.

Por fim, levando em conta as dinâmicas singulares da participação russa e americana em cada caso estudado, as quais influenciaram diretamente o desenvolvimento conceitual da GH, podemos considerar que, em termos de aplicação concreta, são narrativas distintas para formas muito semelhantes de atuação, dada as similaridades observadas nas ações perpetradas por cada lado.

5 CONCLUSÃO

Não há um consenso na definição conceitual da GH, havendo fortes contrastes na forma de interpretar este fenômeno em termos de origens, categorização e métodos de combate. Uma das principais divergências está relacionada com a linguagem, existindo uma variedade de termos usados de forma indiscriminada tanto na produção acadêmica e militar russa quanto na ocidental. Esses termos apresentam significativas diferenças quando estudados sob ambas as perspectivas.

Ao longo deste trabalho, foi possível constatar a correlação entre a Revolução Laranja e a anexação da Crimeia. Embora separados temporalmente, o ambiente político ucraniano em ambos os eventos era semelhante, com o país dividido internamente e sendo um ponto de interesse para grandes potências antagônicas. No estudo da GH, a relação de causalidade e continuidade entre esses dois eventos históricos, imersos em um ambiente de disputa de influência internacional, possibilitou ampliar e enriquecer a nossa análise comparativa.

A análise das atuações dos EUA e da FR na Ucrânia, durante a Revolução Laranja e a anexação da Crimeia, proporciona uma compreensão aprofundada das estratégias de GH utilizadas por ambas as potências. Este estudo revelou as características distintivas e as similitudes nas abordagens de GH, destacando como essas táticas foram aplicadas para alcançar objetivos geopolíticos e estratégicos.

Ao longo da dissertação, foi evidente que a GH, conforme concebida tanto pelo Ocidente quanto pela FR, envolve uma combinação de ações militares, políticas, econômicas e informacionais. Contudo, as abordagens variam significativamente em termos de metodologia e aplicação prática.

Na Revolução Laranja, a influência dos EUA foi marcada por uma promoção ativa da democracia e do apoio popular contra um governo considerado corrupto e autocrático. As táticas americanas incluíram o uso de ONG, apoio logístico e financeiro, bem como uma forte campanha de mídia para moldar a opinião pública ucraniana e internacional. A ausência de violência e a mobilização massiva da população foram elementos cruciais para o sucesso desta abordagem de GH.

Por outro lado, a anexação da Crimeia pela FR exemplificou uma aplicação mais direta e assertiva da GH. A estratégia russa incluiu a rápida mobilização de tropas, a utilização de forças especiais disfarçadas e uma campanha intensa de desinformação para desestabilizar e desmoralizar as forças ucranianas. A eficácia

desta abordagem foi evidente na rápida consolidação do controle sobre a Crimeia, com mínima resistência e ausência de baixas, refletindo a eficiência das táticas de GH russas.

A comparação entre os dois eventos destaca que, apesar de compartilharem elementos comuns, como a manipulação da informação e a mobilização social, as abordagens de GH são profundamente influenciadas pelos contextos políticos, culturais e históricos. A estratégia americana na Revolução Laranja enfatizou a construção de uma narrativa democrática e de apoio popular, enquanto os estrategas russos defendem a alegação de defesa dos direitos dos russos étnicos na Crimeia, além de argumentar que as ações dos EUA na Ucrânia um ensaio que depois pode ser aplicado na FR.

A análise das estratégias empregadas pelos EUA e pela FR revela a complexidade das guerras modernas. A GH e a GV representam, portanto, não apenas conceitos teóricos, mas realidades práticas que continuam a evoluir e a moldar os conflitos contemporâneos. Como resultado de nossa análise comparativa, é essencial destacar dois pontos centrais.

Primeiro, em resposta à questão central proposta no início deste trabalho, concluímos que, embora as narrativas sejam distintas, as formas de atuação da FR e dos EUA apresentam notáveis similaridades. Essas ações, quando contrastadas com a construção e evolução teórica da GH, refletem as singularidades políticas e os interesses estratégicos antagônicos de cada lado.

Em segundo lugar, de forma prospectiva, reafirmamos que a GH é um conceito altamente adaptável e cada vez mais politizado, capaz de ser moldado para atender a objetivos estratégicos específicos, legitimando as ações de influência e interferência externa das grandes potências.

Em suma, podemos concluir que, embora os métodos e estratégias de GH sejam semelhantes em sua essência, as motivações, execuções e resultados variam significativamente entre as potências envolvidas. A compreensão dessas nuances é fundamental para a formulação de políticas eficazes de defesa e para a preparação contra ameaças híbridas no futuro.

REFERÊNCIAS

- BARTLES, Charles K. **Para entender Gerasimov**. Military Review, 2016. Disponível em:
https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/militaryreview/Archives/Portuguese/MilitaryReview_20160430_art010POR.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- BERZINS, Janis. **Not ‘Hybrid’ but New Generation Warfare**. Russia's Military Strategy and Doctrine, 2019. Disponível em:
https://www.academia.edu/38492527/Not_Hybrid_but_New_Generation_Warfare_. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BRASIL. Ministério da Defesa. MD30-M-01: **Doutrina de Operações Conjuntas**. Brasília, DF, 2. ed. v. I, 2020, 241 p.
- BRUNSON, Jonathan. **Russia isn't the only threat to ukrainian** democracy: The impact of far-right nationalist revolutionaries. 2019. Disponível em:
<https://warontherocks.com/2019/04/russiaisnt-the-only-threat-to-ukrainian-democracy-the-impact-of-far-right-nationalistrevolutionaries/>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- CEBROWSKI, Arthur; GARSTKA, John. **Network-Centric Warfare: It's origins and future**. 1998. Disponível em:
<https://www.usni.org/magazines/proceedings/1998/january/network-centric-warfare-its-origin-and-future>. Acesso em: 13 jul. 2024.
- CHEKINOV, Sergey G.; BOGDANOV, Sergey A. **The nature and content of a new generation war**. Military thought, 2013.
- CHIVVIS, Christopher. **Understanding Russian “Hybrid Warfare”: and what can be done about it**. California: RAND Corporation, 2017.
- COKER, Christopher. **War in an Age of Risk**. Cambridge, UK: Polity, 2009.
- COX, Dan G. **What if the Hybrid Warfare/Threat Concept Was Simply Meant to Make Us Think?** E-International Relations, 2013. Disponível em:
<https://www.eir.info/2013/02/13/what-if-the-hybrid-warfarethreat-concept-was-simply-meant-to-make-usthink/>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. 2023. Disponível em:
<https://www.britannica.com/topic/mercenary>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- FABIAN, Sandor. **The Russian hybrid warfare strategy-neither russian nor strategy**. Defense & Security Analysis, 2019. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14751798.2019.1640424?scroll=top&neededAccess=true>. Acesso em: 24 jul. 2024.

FERNANDES, Hugo. **As novas guerras: o desafio da guerra híbrida**. Revista de Ciências Militares, 2016. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/36182>. Acesso em: 13 jun. 2024.

FORTES, Denis Matoszko. **A Federação Russa e a Crise Ucraniana de 2013-2014: entre o jogo das potencias e as disputas históricas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330639/1/Fortes_DenisMatoszko_M.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

FRIDMAN, Ofer. **Russian 'Hybrid Warfare': Resurgence and Politicisation**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

GARCIA, Francisco Proença. **Da guerra e da estratégia: A nova Polemologia**. Lisboa: Prefácio, 2010.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. 72 p. Disponível em: https://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar0108.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

HUBER, Thomas M. **The compound warfare: that fatal knot**. Oregon: University Press of the Pacific, 2004.

KOFMAN, Michael et al. **Lessons from Russia's Operations in Crimea and Eastern Ukraine**. Rand Corporation, 2017.
RÁCZ, András. **Russia's hybrid war in Ukraine: breaking the enemy's ability to resist**. Finland: Finnish Institute of International Affairs, 2015. Disponível em: http://www.fiia.fi/fi/publication/514/russia_s_hybrid_war_in_ukraine. Acesso em: 29 jul. 2024.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das Revoluções Colorida aos Golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LIND, William S. *et al.* **The changing face of war: into the fourth generation**. Marine Corps Gazette, 1989. Disponível em: <https://indianstrategicknowledgeonline.com/web/THE%20CHANGING%20FACE%20OF%20WAR%20INTO%20THE%204Th%20GENERATION.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MCFAUL, Michael. **Ukraine Imports Democracy: external influences on the Orange revolution. External Influences on the Orange Revolution**. 2007. International Security, Vol. 32. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30133875?seq=1>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MINGST, Karen A.; ARREGUÍN-TOFT, Ivan M. **Princípios de relações internacionais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

KASAPOGLU, Can. **Russia's Renewed Military Thinking: Non-linear Warfare and Reflexive Control**. NATO Defense College, Research Division, 2015.

LIANG & XIANGSUI. **Unrestricted Warfare**. PLA Literature and Arts Publishing House, 1999. Disponível em <https://www.c4i.org/unrestricted.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LIND, Willian S. **Understanding Fourth Generation War**. Forte Leavenworth: Military Review, 2004. Disponível em <http://www.antiwar.com/lind/index.php?articleid=1702>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MIELNICZUK, Fabiano. **Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS**. Contexto internacional, 2006.

MUMFORD, Andrew. **Hybrid warfare: The continuation of ambiguity by other means**. Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/european-journal-of-international-security/article/hybrid-warfare-the-continuation-of-ambiguity-by-other-means/1B3336D8109D418F89D732EB98B774E5#fn1>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da mudança: as revoluções coloridas e seus reflexos em política externa**. 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17460/1/Felipe%20Afonso%20Ortega.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2024.

OTAN. **Bi-sc input to a new nato capstone concept for the military contribution to countering hybrid threats**. 2010. Disponível em: <https://natolibguides.info/hybridwarfare/documents#s-lg-box-5136872>. Acesso em: 5 jun 2024.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular**. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, n. 16, 2007. Disponível em: <https://ebrevistas.eb.mil.br/RMM/article/view/258/227>. Acesso em: 17 jul. 2024.

PLOKHY, Serhii. **The gates of Europe: a history of Ukraine**. New York: Basic Books, 2015.

POTY, Italo Barreto. **A Ucrânia independente após o fim da Guerra Fria: uma análise geopolítica (1991-2010)**. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/92323>. Acesso em: 14 jul. 2024.

RAUTA, Vladimir. **Towards a typology of non-state actors in 'hybrid warfare': proxy, auxiliary, surrogate and affiliated forces**. 2019. Cambridge Review of International Affairs. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09557571.2019.1656600>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SHVEDA, Yuriy; PARK, Joung Ho. **Ukraine's revolution of dignity: The dynamics of Euromaidan**. Journal of Eurasian Studies, 2016.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Lisboa: Clássica Editora, 2012.

VISACRO, Alessandro. **A guerra na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2018.

WITHER, James K. **Making Sense of Hybrid Warfare**. Connections: The Quarterly Journal, Vol. 15, No. 2, pp. 73-87, 2016. Disponível em: <https://connections-qj.org/article/making-sense-hybrid-warfare>. Acesso em: 20 jul. 2024.

ZELLER, Michael C. **Assessing the role of transnational networks of support in color revolutions**: successes and failures in Georgia, Ukraine, Belarus, and Russia. 2013. Disponível em: <https://ir.library.louisville.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=honors>. Acesso em: 5 jul. 2024.